

H.G.

WELLS

O HOMEM INVISÍVEL

Tradução
Vânia Valente
Silvio Antunha



**H.G.
WELLS**

O HOMEM INVISÍVEL



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em inglês
The Invisible Man

Produção editorial
Ciranda Cultural

Texto
H. G. Wells

Preparação
Marcos Toledo

Editora
Michele de Souza Barbosa

Diagramação
Linea Editora

Tradução
Vânia Valente
Silvio Antunha

Capa
Wilson Gonçalves

Revisão
Aiko Mine
Silvio Antunha

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

W453h Wells, H. G.

O homem invisível / H. G. Wells ; traduzido por Vânia Valente, Silvio Antunha. - 2. ed. - Jandira, SP : Principis, 2021.

176 p. ; 15,5cm x 22,6cm. - (Clássicos da literatura mundial)

Tradução de: The invisible man
ISBN: 978-65-5552-488-8

1. Literatura inglesa. 2. Romance. I. Valente, Vânia. II. Antunha, Silvio.
III. Título. IV. Série.

2021-1462

CDD 823
CDU 821.111-31

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura inglesa : Romance 823
2. Literatura inglesa : Romance 821.111-31

2ª edição em 2021

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

Esta obra reproduz costumes e comportamentos da época em que foi escrita.

SUMÁRIO

A chegada do estranho	7
As primeiras impressões do Sr. Teddy Henfrey.....	14
As mil e uma garrafas	20
O sr. Cuss conversa com o estranho	26
O roubo à paróquia	33
A mobília enlouquecida.....	36
O desvendar do estranho.....	41
Em trânsito	51
O sr. Thomas Marvel.....	52
A visita do sr. Marvel a Iping	59
Na “Coach and Horses”	63
O homem invisível perde a paciência	67
O sr. Marvel discute sua demissão	73
Em Port Stowe.....	76
O homem que corria.....	83
Na “Jolly Cricketers”	86
O visitante do dr. Kemp	91
O homem invisível dorme.....	100
Alguns princípios básicos.....	105
Na casa da Great Portland Street.....	111
Na Oxford Street.....	121

No Empório.....	126
Na Drury Lane.....	133
O plano que falhou.....	143
A caçada ao homem invisível.....	148
O assassinato de Wicksteed.....	151
O cerco à casa de Kemp.....	156
O caçador caçado	167
Epílogo	174



A CHEGADA DO ESTRANHO

O estranho chegou no início de fevereiro, em um dia de inverno, em meio ao vento cortante e à nevasca, a última tempestade de neve do ano. Ele veio pela colina, andando desde a estação de trem de Bramblehurst, carregando uma pequena valise preta nas mãos, que vestiam luvas grossas. Estava agasalhado da cabeça aos pés, e a aba do seu chapéu de feltro macio escondia cada centímetro de seu rosto, exceto a ponta brilhante do nariz; a neve se amontava sobre seus ombros e seu peito, formando uma crosta branca na roupa pesada que vestia. Ele cambaleou para dentro do “Coach and Horses”, mais morto do que vivo, e largou a valise no chão.

– Uma lareira! – gritou – Em nome da caridade humana! Um quarto e uma lareira!

No bar, ele bateu os pés e sacudiu a neve que estava sobre si, e seguiu a sra. Hall até a sala de visitas para acertar sua estadia. E com essa introdução e um par de soberanos¹ em cima da mesa, ele se alojou na hospedaria.

A sra. Hall acendeu a lareira e o deixou lá enquanto lhe preparava uma refeição com suas próprias mãos. Um hóspede parar em Iping no inverno

¹ Moeda de ouro britânica em uso na Grã-Bretanha de 1817 a 1914 e que valia 1 libra. (N.T.)

era uma sorte inédita, ainda mais de um hóspede que não era nenhum “pechinheiro”, e ela estava decidida a mostrar-se digna da boa sorte. Assim que o bacon ficou no ponto, e depois de repreender Millie, sua apática empregada, com algumas expressões de desprezo habilmente escolhidas, ela levou a toalha de mesa, os pratos e copos para a sala de visitas e começou a organizá-los com o maior *éclat*². Embora a lareira crepitasse vigorosamente, ela se surpreendeu ao ver que seu visitante, parado de costas para ela e fitando pela janela a neve caindo no quintal, ainda vestia o chapéu e o casaco. Suas mãos enluvadas estavam cruzadas atrás dele e ele parecia perdido em pensamentos. Ela percebeu que a neve derretida, que ainda salpicava de seus ombros, respingava no tapete dela.

– Posso pegar o seu chapéu e o seu casaco, senhor, e dar uma boa secada neles na cozinha? – ela perguntou.

– Não – ele disse sem se virar.

Ela não teve certeza de tê-lo ouvido e estava prestes a repetir sua pergunta.

Ele virou a cabeça e olhou para ela sobre os ombros.

– Prefiro continuar com eles – ele respondeu enfaticamente, e ela notou que ele usava enormes óculos azuis com proteções laterais e tinha suíças sobre o colarinho que cobriam completamente suas bochechas e seu rosto.

– Muito bem, senhor – ela disse. – Como preferir. Em um segundo a sala estará mais aquecida.

Ele não respondeu e virou seu rosto para longe dela novamente, e a sra. Hall, sentindo que seus avanços na conversa eram inoportunos, arrumou as coisas na mesa em um movimento rápido e certo e se apressou para sair da sala. Quando retornou, ele ainda estava parado lá, como um homem de pedra, com as costas recurvadas, o colarinho levantado, a aba de seu chapéu gotejante abaixada, escondendo completamente seu rosto e suas orelhas. Ela pôs os ovos e o bacon com considerável veemência e chamou em voz alta, mais do que falou naturalmente com ele:

– A sua comida está servida, senhor.

– Obrigado – ele disse ao mesmo tempo, e não se mexeu até que ela fechasse a porta. Então, virou-se e se aproximou da mesa com uma certa avidez.

Assim que foi, por trás do bar para a cozinha, ela ouviu um som repetido em intervalos regulares: “Plác, plác, plác”, e que era o som de uma colher batendo rapidamente na tigela.

– Essa garota! – ela disse. – Pronto! Eu esqueci completamente! Ela demora demais!

E enquanto ela mesma terminava de mexer a mostarda, deu a Millie um leve sermão por sua excessiva lerdeza. Ela cozinhou o presunto e os ovos, pôs a mesa e fez tudo, enquanto Millie (que grande ajuda!) só conseguiu atrasar a mostarda. E ele, um novo hóspede, esperando para ser atendido! Ela então encheu o pote de mostarda e, colocando-o com certa cerimônia em uma bandeja de chá dourada e preta, levou-o para a sala de visitas.

Ela bateu e entrou prontamente. Nesse momento, o visitante moveu-se rapidamente, de modo que ela percebeu, em um vislumbre, um objeto branco desaparecendo atrás da mesa. Parecia que ele estava pegando algo do chão. Ela pôs o pote de mostarda na mesa bruscamente, e então notou que o sobretudo e o chapéu tinham sido tirados e colocados na cadeira bem perto do fogo, e que um par de botas molhadas ameaçava enferrujar o guarda-fogo de aço da lareira. De maneira decidida, ela se dirigiu até essas coisas.

– Suponho que agora eu possa levá-las para secar – ela falou em um tom de voz que não admitia recusa.

– Deixe o chapéu – o visitante disse com voz abafada, e ela, ao se virar, viu que ele tinha levantado a cabeça e estava sentado olhando para ela.

Por um momento, ela ficou olhando para ele boquiaberta, surpresa demais para falar.

Ele segurava um pano branco – um guardanapo que tinha trazido – sobre a parte de baixo de seu rosto, de modo que sua boca e seu queixo ficassem completamente escondidos, e essa era a razão de sua voz abafada. Mas, não foi isso o que assustou a sra. Hall. Foi o fato de que toda a testa

² *Éclat*: brilho, em francês. (N.T.)

dele, acima dos óculos azuis, estava coberta com uma atadura branca, e que outra bandagem cobria as orelhas, não deixando nenhum fragmento do rosto exposto, exceto o rosado e pontiagudo nariz. Era brilhante, de um rosa vivo, como parecera desde o começo. Ele usava um paletó de veludo marrom-escuro com uma gola de linho alta e preta ao redor do pescoço. Os cabelos grossos e pretos, escapando como podiam por baixo e entre as bandagens cruzadas, projetavam-se em curiosas caudas e chifres, dando-lhe a mais estranha aparência imaginável. Essa cabeça encoberta e enfaixada era tão discrepante do que poderia ser esperado que, por um instante, ela enrijeceu.

Ele não removeu o guardanapo, mas continuou segurando-o, como ela podia ver então, com uma luva marrom, e observando-a com seus inescrutáveis óculos azuis.

– Deixe o chapéu – ele disse, falando muito claramente através do pano branco.

Os nervos dela começaram a se recuperar do choque recebido. Ela colocou o chapéu novamente na cadeira em frente à lareira.

– Senhor, eu não sabia, que... – ela começou a falar, mas parou, constrangida.

– Obrigado – ele falou secamente, olhando dela para a porta e, então, para ela novamente.

– Vou secá-los muito bem, senhor, imediatamente – ela disse, e carregou as roupas dele para fora da sala.

De relance, ela olhou novamente para a cabeça enfaixada de branco e para os óculos de proteção azuis enquanto ia para a porta; mas o guardanapo continuava na frente do rosto dele. Ela se arrepiou um pouco quando fechou a porta atrás de si, e seu rosto estampava surpresa e perplexidade.

– Eu *jamais*... – ela murmurou. – Calma!

Ela foi cuidadosamente para a cozinha e, quando chegou lá, estava preocupada demais para perguntar o que a Millie mexia *então*.

O visitante sentou-se e ouviu os pés dela em retirada. Ele olhou inquisitivamente pela janela antes de remover seu guardanapo e retomar

sua refeição. Deu uma garfada, olhou desconfiado pela janela, deu outra garfada, e então se levantou, segurando o guardanapo na mão, andou pela sala e abaixou a cortina de musselina branca que escurecia os vidros inferiores. Isso deixou a sala em penumbra. Feito isso, ele voltou com ar aliviado para a mesa e sua refeição.

– A pobre alma teve um acidente, uma cirurgia, ou algo assim – a sra. Hall disse. – Com certeza! Que susto essas bandagens me deram.

Ela colocou um pouco mais de carvão na lareira, desfraldou o varal, e estendeu o casaco do viajante em cima dele.

– E os óculos de proteção dele! Ele parecia mais um mergulhador de escafandro do que um ser humano!

Ela pendurou o cachecol dele no canto do varal.

– Além disso, fica segurando o guardanapo sobre a boca o tempo todo. E fica falando através disso!... Deve estar com a boca machucada também, talvez.

Ela virou, como quem de repente se lembra de algo.

– Meu Deus! – ela disse, esquivando-se do assunto. – Você *ainda* não fez as batatas, Millie?

Quando a sra. Hall foi tirar a mesa do estranho, a ideia de que a boca dele também tinha sido cortada ou desfigurada no acidente que ela supunha que ele teria sofrido, foi confirmada, pois ele estava fumando um cachimbo, mas durante todo o tempo que ela esteve na sala ele jamais afrouxou o cachecol de seda que tinha enrolado em volta da parte inferior de seu rosto para pôr a piteira nos lábios. E isso não era esquecimento, pois ela viu que ele relanceava o olhar nisso enquanto pitava. Ele se sentou no canto de costas para a cortina da janela e agora falava, depois de ter comido e bebido e estar confortavelmente aquecido, com uma brevidade menos agressiva que antes. O reflexo do fogo da lareira projetava uma espécie de animação vermelha dançante em seus enormes óculos, inexistente até então.

– Eu tenho alguma bagagem na estação Bramblehurst – ele falou, perguntando quando poderiam mandá-las para ele; em seguida, inclinou bastante educadamente a cabeça enfaixada em agradecimento à explicação dela.

– Amanhã? Não há nenhuma entrega mais rápida? – ele falou, parecendo bastante desapontado quando ela respondeu.

– Não? Com certeza? Nenhum homem com algum malote para entregar disposto a sair?

A sra. Hall, nada hesitante, respondeu às perguntas dele e desenvolveu uma conversa.

– É uma estrada com uma descida íngreme, senhor – ela falou em resposta à pergunta sobre o malote e então, aproveitando a brecha, ela disse:

– Havia uma charrete que capotou, há um ano ou mais. Um cavalheiro morreu, além do cocheiro. Acidentes, senhor, acontecem de repente, não é?

Mas o visitante não se deixou enganar facilmente.

– Pois é, acontecem – ele falou pelo cachecol, olhando-a calmamente através de suas lentes impenetráveis.

– Mas demoram muito para melhorar, não é?... Teve o filho da minha irmã, Tom, que cortou o braço brincando com uma foice, tropeçou no campo de feno e – Deus me livre! – ficou três meses imobilizado, senhor. O senhor não acreditaria. Isso me deixou com pavor de foice, senhor.

– Posso compreender perfeitamente – o visitante retrucou.

– Ele ficou com medo; em certo momento, de ter que fazer uma cirurgia, de tanto que estava mal, senhor.

O visitante riu abruptamente, soltando uma gargalhada, quase chegando a engasgar, e que ele procurou engolir pela boca.

– Ele *ficou*?

– Ficou, senhor. E isso não é assunto para rir, para quem tratou dele, como eu, e para a minha irmã, que cuidou dos filhos pequenos por um bom tempo. Havia curativos para fazer e desfazer, senhor. Por isso, se me permite a ousadia de dizer isso, senhor...

– A senhora me arranjaria fósforos? – o visitante perguntou, bem abruptamente. – O meu cachimbo apagou.

A sra. Hall foi interrompida de repente. Foi certamente uma atitude rude da parte dele, depois dela ter contado a ele tudo o que tinha feito. Ela bufou com ele por um instante, mas se lembrou dos dois soberanos, e foi buscar os fósforos.

– Obrigado – ele disse concisamente, assim que ela os entregou, dando de ombros para ela, e olhando fixamente pela janela de novo, algo totalmente desanimador. Evidentemente, ele era sensível ao tema cirurgias e curativos. Contudo, ela não “se atreveu a falar”, depois disso tudo. Mas o jeito esnobe dele a irritou, e Millie passou por maus bocados naquela tarde.

O visitante permaneceu na sala de visitas até as quatro horas, sem se desculpar pela intromissão. Na maior parte do tempo, ele permaneceu parado; parecia que ele estava sentado na crescente escuridão fumegante à luz da lareira, talvez cochilando.

Uma ou duas vezes um ouvinte curioso poderia tê-lo escutado perto das brasas, e pelo espaço de cinco minutos ele foi audível andando pela sala. Parecia estar falando sozinho. Então, a poltrona rangeu quando ele se sentou novamente.



AS PRIMEIRAS IMPRESSÕES DO SR. TEDDY HENFREY

Às quatro horas, quando já estava bem escuro e a sra. Hall criava coragem para perguntar a seu visitante se ele queria tomar um pouco de chá, Teddy Henfrey, o consertador de relógios, entrou no bar.

– Por Deus! Sra. Hall – ele falou. – Mas está um tempo horrível para botas leves!

A neve lá fora caía cada vez mais rápido. A sra. Hall concordou e então reparou na maleta que ele trazia.

– Agora que está aqui, sr. Teddy, eu ficaria agradecida se o senhor desse uma olhada no velho relógio da sala de visitas – ela disse. – Está funcionando, bate bem e forte, mas o ponteiro das horas não quer fazer nada senão marcar as seis.

E indicando o caminho, ela foi até a porta da sala de visitas, bateu e entrou.

O visitante – ela viu assim que abriu a porta – estava sentado na poltrona diante da lareira, ao que parece cochilando, com a cabeça enfaixada pendendo de um lado. A única claridade na sala eram o brilho vermelho

do fogo crepitando na lareira, que iluminava os olhos dele como sinais ferroviários em sentido contrário, mas que deixava sua face abatida no escuro, e escassos vestígios do dia, que entravam pela porta aberta. Tudo estava avermelhado, sombrio e indistinto para ela, ainda mais porque ela tinha acabado de acender o lampião do bar, e seus olhos se ofuscaram. Mas, por um segundo, pareceu-lhe que aquele homem para quem olhava tinha uma boca enorme escancarada, uma imensa e inacreditável boca que engolia toda a porção inferior do rosto dele. Foi uma sensação de momento: a cabeça branca, os monstruosos óculos de proteção, e aquele imenso bocejo embaixo. Então, ele se agitou, começou a se levantar da cadeira, ergueu a mão. Ela escancarou a porta, para que a sala ficasse mais iluminada, e olhou para ele de forma mais nítida, com o cachecol erguido sobre o rosto, como ela o tinha visto com o guardanapo antes. As sombras, ela imaginou, a tinham enganado.

– O senhor se importaria deste homem entrar para ver o relógio? – ela disse, recuperando-se do choque momentâneo.

– Ver o relógio? – ele disse, olhando em volta sonolento e falando por cima da mão.

Então, mais acordado, ele disse:

– Claro que não.

A sra. Hall saiu para buscar um lampião. Ele se levantou e espreguiçou. Então, quando o lampião chegou e o sr. Teddy Henfrey – ao entrar – se deparou com aquele indivíduo enfaixado, foi até ele e se mostrou “pego de surpresa”.

– Boa tarde – disse o estranho, encarando-o “como uma lagosta”, como o sr. Henfrey disse, claramente impressionado com os óculos escuros.

– Espero não ser intruso – o sr. Henfrey respondeu.

– De modo algum – disse o estranho. – Todavia, eu tinha entendido – ele replicou, virando-se para a sra. Hall – que a sala seria realmente minha, para meu uso privativo.

– Eu achei, senhor – a sra. Hall disse – que preferisse que o relógio...

– Certamente! – o estranho disse. – Certamente, mas, via de regra, eu quero ficar sozinho e não ser incomodado.

– Mas eu estou realmente feliz de ter o relógio inspecionado – ele falou, vendo uma certa hesitação nas maneiras do sr. Henfrey. – Muito feliz.

O sr. Henfrey pretendia se desculpar e se retirar, mas esse avanço o tranquilizou. O estranho virou-se, de costas para a lareira, e pôs as mãos para trás.

– E assim que o conserto do relógio terminar – ele falou – eu acho que gostaria de tomar um pouco de chá. Mas, não antes de terminar o conserto do relógio.

A sra. Hall estava prestes a sair da sala, sem arriscar nenhuma conversa dessa vez, pois não queria ser menosprezada na frente do sr. Henfrey, quando seu visitante perguntou se ela teria tomado alguma providência quanto à sua bagagem na Bramblehurst. Ela respondeu ter mencionado a questão ao carteiro, e que um carregador poderia trazê-las no dia seguinte.

– Tem certeza de que é o mais cedo possível? – ele insistiu.

Ela retrucou que sim, com marcante frieza.

– Eu deveria explicar – ele acrescentou. – Mas, estava realmente com muito frio e muito cansado para falar disso antes: eu sou um pesquisador experimental.

– É mesmo, senhor? – a sra. Hall disse, muito impressionada.

– E a minha bagagem contém aparelhos e equipamentos.

– São coisas de fato muito úteis, senhor – a sra. Hall falou.

– E, naturalmente, estou muito ansioso para prosseguir com as minhas pesquisas.

– É claro, senhor.

– A minha razão de vir para Iping foi por um desejo de isolamento... – ele prosseguiu, com intenção certamente deliberada. – Eu não queria ser importunado em meu trabalho. Além do meu trabalho, um acidente...

– Foi o que pensei! – a sra. Hall disse para si mesma.

– ... exige um certo afastamento. Os meus olhos às vezes ficam tão fracos e doloridos que preciso me fechar na escuridão por longas horas... Preciso me trancar. Algumas vezes, de vez em quando. Não agora, certamente. Nesses momentos, o menor distúrbio, a entrada de um estranho

na sala, é uma fonte angustiante de aborrecimento para mim. É bom que essas coisas sejam entendidas.

– Com certeza, senhor – disse a sra. Hall. – Mas, se eu ousasse perguntar...

– Creio que isso é tudo – o estranho falou, com aquele ar conclusivo, tranquilo e irresistível que ele podia assumir quando queria. A sra. Hall guardou sua pergunta e sua simpatia para uma ocasião melhor.

Depois que a sra. Hall saiu da sala, ele permaneceu de pé em frente à lareira, com o olhar fixo; então, o sr. Henfrey se pôs a consertar o relógio. Ele não só tirou os ponteiros e o mostrador da peça, como também suas engrenagens; e, tratou de trabalhar da forma mais lenta, silenciosa e humilde possível. Trabalhou com o lampião perto dele, e o quebra-luz verde lançava uma luz brilhante sobre suas mãos e sobre as engrenagens e deixava o resto do cômodo escurecido. Quando ele olhava para cima, manchas coloridas fluuavam em seus olhos. Sendo essencialmente de natureza curiosa, ele removeu as engrenagens (um procedimento bastante desnecessário), com a ideia de atrasar sua partida e talvez engatar uma conversa com o estranho. Mas o estranho ficou parado ali, quieto e em perfeito silêncio. Tão quieto que deixou Henfrey nervoso. Ele se sentia sozinho na sala, olhava para cima, e lá, cinza e escura, estava a cabeça enfaixada, com as enormes lentes azuis olhando fixamente, e uma névoa de pontos verdes vagando na frente delas. Isso era tão estranho para Henfrey que por um minuto eles permaneceram alheios, encarando um ao outro. Então, ele olhou para baixo novamente. A posição dele era muito desconfortável! Seria bom dizer algo. Será que ele deveria comentar que a temperatura estava muito fria para essa época do ano?

Olhou para cima como se estivesse mirando esse tiro introdutório.

– A temperatura... – ele começou.

– Por que não termina e vai embora? – disse a figura rígida, num evidente estado de dolorosa raiva reprimida. – Tudo o que tem a fazer é fixar o ponteiro das horas em seu eixo. O senhor está simplesmente enrolando...

– Perdão, senhor, só mais um minuto. Eu me distraí – e o sr. Henfrey terminou e foi embora.

Contudo, ele partiu sentindo-se extremamente aborrecido.

– Diacho! – disse a si mesmo o sr. Henfrey, arrastando-se pela aldeia no meio da neve que derretia.

– Certamente às vezes alguém precisa consertar um relógio.

E completou:

– Será que ninguém pode olhar para outra pessoa? Que horror!

E, acrescentou ainda:

– Aparentemente não. Se a polícia estivesse procurando um suspeito, ele não estaria menos enrolado e enfaixado.

Na esquina da Gleeson, ele viu o sr. Hall, que recentemente tinha se casado com a hospedeira do estranho do “Coach and Horses” e que agora dirigia a charrete de Iping até Sidderbridge Junction quando pessoas ocasionalmente solicitavam, vindo em sua direção ao retornar de lá. Hall evidentemente tinha “parado um pouco” em Sidderbridge, a julgar pela direção.

– Como vai, Teddy? – ele disse, ao passar.

– O senhor tem um sujeito altamente esquisito em casa. – Teddy falou.

Hall parou, muito sociável.

– O que quer dizer? – ele perguntou.

– Um cliente de aparência esquisita está hospedado no “Coach and Horses”. – disse Teddy. – Deus me livre!

E ele passou a dar a Hall uma descrição bem nítida de seu grotesco hóspede.

– Parece mais um disfarce, não é? Eu gostaria de ver o rosto de um homem que se hospedasse em *minha* casa – Henfrey falou. – Mas as mulheres são muito confiantes, no que diz respeito a estranhos. Ele ficou em suas instalações sem sequer dar o nome, Hall.

– Não diga! – disse Hall, que era um homem um tanto lerdo de compreensão.

– Sim – Teddy falou. – Por uma semana. Seja quem for, o senhor não vai se livrar do sujeito em menos de uma semana. E ele tem um monte de bagagens chegando amanhã, pelo que disse. Vamos torcer para que não sejam pedras dentro das caixas, Hall.

E, contou a Hall como a tia dele em Hastings tinha sido enganada por um estranho com valises vazias. Por fim, acabou deixando Hall vagamente desconfiado.

– Levante-se, garota velha. – Hall disse para a égua. – Acho que preciso checar isso.

Teddy seguiu seu caminho com a consciência consideravelmente aliviada.

No entanto, em vez de “chegar aquilo”, ao voltar, Hall foi severamente questionado por sua esposa sobre a demora em Sidderbridge, e as perguntas tímidas dele foram respondidas de forma impertinente e, de certa maneira, não diretamente. Mas a semente da suspeita que Teddy semeara germinou na mente do sr. Hall, apesar do desestímulo.

– Ela não sabe nada – disse Hall, decidido a averiguar mais sobre a personalidade do hóspede na primeira oportunidade possível.

Assim, depois que o estranho foi para a cama, por volta das nove e meia, o sr. Hall foi diretamente à sala de visitas e olhou com bastante atenção os móveis de sua esposa, apenas para constatar que o estranho não mandava lá, e examinou de forma minuciosa e com certo desdém uma folha de cálculos matemáticos que o estranho tinha esquecido.

Ao se recolher para dormir, ele instruiu a sra. Hall para que observasse atentamente a bagagem do estranho quando chegasse no dia seguinte.

– Cuide da sua própria vida, Hall, que eu cuidarei da minha – a sra. Hall retrucou.

Ela estava bem mais inclinada a brigar com Hall, pois o desconhecido sem dúvida era um tipo excepcionalmente estranho, e ela não estava absolutamente segura sobre o que pensava a respeito dele. No meio da noite, ela acordou sonhando com cabeças brancas imensas que pareciam nabos, que se arrastavam atrás dela, na ponta de pescoços intermináveis, e com enormes olhos negros. Mas, sendo uma mulher sensata, ela controlou seus terrores, virou-se e voltou a dormir.



AS MIL E UMA GARRAFAS

Então, foi assim que no vigésimo nono dia de fevereiro, no início do degelo, essa pessoa singular veio do nada para a aldeia de Iping. No dia seguinte, a bagagem dele chegou através da neve meio derretida, e era uma bagagem muito notável. Na verdade, era um par de baús, como um homem racional poderia precisar; mas, além disso, havia uma caixa de livros: livros grandes e grossos, alguns dos quais eram manuscritos incompreensíveis, e uma dúzia ou mais de caixotes, caixas e estojos, contendo objetos embalados em palha, que pareceram para Hall – que possuía uma curiosidade casual pela palha – garrafas de vidro. O estranho, agasalhado com chapéu, casaco, luvas e lenço, foi impacientemente encontrar a charrete de Fearenside, enquanto Hall trocava uma palavra ou mais de preparativos para ajudar a trazer tudo para dentro. Ele chegou sem notar o cachorro de Fearenside farejando com espírito *diletante* as pernas de Hall.

– Andem logo com essas caixas – ele disse. – Já esperei demais.

E ele desceu os degraus em direção à traseira da charrete, como se quisesse pôr as mãos no caixote menor.

No entanto, assim que o cão de Fearenside o avistou, começou a se eriçar e a rosnar selvagememente, e quando o estranho se precipitou pelos degraus abaixo, o cão deu um salto inesperado, pulando direto na mão dele.

– Opa! – Hall gritou, pulando para trás, pois ele não era herói contra cachorros.

Enquanto isso, Fearenside berrava: “Deitado!”, estalando seu chicote. E, eles viram os dentes do cachorro escorregando da mão, escutaram um chute, viram o cão saltar de lado, agarrando a perna do estranho, e ouviram a calça dele sendo rasgada. Então, a finíssima ponta do chicote de Fearenside açoitou, e o cão, ganindo de medo, recuou para baixo das rodas da charrete. Foi tudo questão rápida de meio minuto. Ninguém falou nada, todos gritaram. O estranho relanceou o olhar rapidamente para a luva e a perna rasgadas, fingiu se debruçar sobre a perna, depois virou e se apressou a subir os degraus e entrar na hospedaria. Eles o ouviram atravessar precipitadamente o corredor e subir as escadas sem carpete até seu quarto.

– Seu bruto! – Fearenside disse, descendo da charrete com o chicote em punho, enquanto o cachorro o observava através da roda. – Venha cá! – Fearenside ordenou. – É melhor vir logo.

Hall estava parado, boquiaberto.

– Ele foi mordido – disse Hall. – É melhor eu ir e ver no que vai dar – e trotou atrás do estranho, encontrando a sra. Hall no corredor.

– O cão do carregador acabou de mordê-lo – ele disse, subindo direto para o andar de cima.

Como a porta do estranho estava entreaberta, ele entrou sem nenhuma cerimônia, mostrando-se naturalmente solidário.

A persiana estava abaixada, e o quarto estava escuro, mas ele teve um vislumbre de uma coisa muito singular, que parecia um braço sem mão acenando em sua direção, e um rosto com três enormes manchas brancas indefinidas, muito parecido com a superfície de uma flor de amor-perfeito desbotada. Então, ele foi violentamente atingido no peito, atirado para trás; e, a porta bateu em seu rosto e trancou. Isso foi tão rápido que ele não teve tempo de observar. Um aceno de formas indecifráveis, um golpe e uma concussão, e lá estava ele em pé no patamar escuro, imaginando o que poderia ter visto.

Minutos depois ele retornava ao pequeno grupo que tinha se formado fora do “Coach and Horses”, no qual Fearenside contava tudo de novo,

pela segunda vez, com a sra. Hall retrucando que o cachorro dele não tinha nada que morder os hóspedes dela, com Huxter, o comerciante do outro lado da estrada, exibindo ar interrogativo, e Sandy Wadgers, da forjaria, mostrando-se judicioso, além de mulheres e crianças, todas dizendo tolices:

- Eu não deixaria ele *me* morder, disso eu sei.
- Não é certo alguém *ter* um cachorro desses.
- Mas, por que *ele* mordeu?

E assim por diante. O sr. Hall, olhando para eles e os ouvindo dos degraus, achava inacreditável que tivesse visto algo tão notável acontecer lá em cima. Além disso, seu vocabulário era totalmente limitado para expressar suas impressões.

– Ele não quer ajuda, ele disse – Hall falou em resposta à pergunta de sua esposa. – É melhor levarmos a bagagem dele para dentro.

– Ele deveria ao menos cauterizar a ferida – disse o sr. Huxter. – Especialmente se estiver inflamada.

– Eu atiraria no cachorro, é isso o que eu faria – disse uma senhora do grupo.

De repente, o cachorro começou a rosar novamente.

– Andem logo – gritou uma voz furiosa no vão da porta.

E, lá estava em pé o estranho agasalhado com sua gola levantada e a aba do chapéu abaixada.

– O quanto antes vocês conseguirem trazer essas coisas para dentro, mais satisfeito ficarei.

Um espectador anônimo reparou que as calças e as luvas dele tinham sido trocadas.

– O senhor se machucou? – Fearenside perguntou. – Sinto muito pelo cachorro...

– Nem um pouco – disse o estranho. – Nem arranhou a pele. Apressem-se com essas coisas.

Então, ele xingou para si mesmo, afirmou o sr. Hall.

Assim que o primeiro caixote foi levado para a sala de visitas, de acordo com suas instruções, o estranho lançou-se sobre ele com uma avidez

extraordinária e começou a desempacotá-lo, esparramando a palha sem a menor consideração pelo tapete da sra. Hall. Depois disso, ele começou a pegar garrafas – pequenas garrafas gorduchas contendo pós, garrafinhas finas contendo líquidos coloridos e brancos, garrafas azuis caneladas rotuladas como “Veneno”, garrafas arredondadas com gargalos finos, garrafas grandes de vidro verde, garrafas grandes de vidro branco, garrafas com tampas de vidro e rótulos foscos, garrafas com belas rolhas de cortiça, garrafas com tampões, garrafas com tampas de madeira, garrafas de vinho, garrafas de óleo de salada – e, a colocá-las em fileiras na cômoda, sobre a lareira, na mesa sob a janela, ao redor do chão, na estante e em todos os lugares. A farmácia de Bramblehurst não teria metade daquilo. Era uma grande visão. Caixotes após caixotes rendiam garrafas, até que todos os seis ficassem vazios e a mesa cheia de palha; as únicas coisas que saíram desses caixotes, além das garrafas, foram vários tubos de ensaio e uma balança cuidadosamente embalada.

Logo que os caixotes foram esvaziados, o estranho foi até a janela e começou a trabalhar, sem se preocupar com a bagunça da palha, o fogo da lareira que tinha apagado, a caixa de livros lá fora, nem os baús e outras malas que tinham ido para o andar de cima.

Quando a sra. Hall levou-lhe o jantar, ele já estava tão absorto em seu trabalho, derramando pequenas gotas das garrafas nos tubos de ensaio, que não reparou nela até ela ter varrido a maior parte da palha e colocado a bandeja na mesa, talvez com alguma pouca ênfase, vendo o estado em que o chão estava. Então, ele virou um pouco a cabeça, tornando a revirá-la imediatamente. Mas, ela viu que ele havia tirado os óculos; estes, estavam ao lado dele na mesa. Ela teve a impressão de que as cavidades oculares dele eram extraordinariamente profundas. Ele colocou os óculos novamente, virou-se e a encarou. A sra. Hall estava prestes a reclamar da palha no chão quando ele se antecipou a ela.

– Eu gostaria que a senhora não entrasse sem bater – ele disse no tom de exasperação anormal que parecia tão característico dele.

– Eu bati, mas aparentemente...

– Talvez a senhora tenha batido. Mas, nas minhas investigações – nas minhas realmente muito urgentes e necessárias investigações – a menor perturbação, o ranger de uma porta... Preciso lhe perguntar?

– Certamente não, senhor. Pode virar a fechadura quando desejar, como o senhor sabe. A qualquer momento.

– É uma ideia muito boa – o estranho disse.

– Essa palha, senhor, se me permitir a ousadia de observar...

– Não. Se a palha causa problema, coloque-a na conta – e ele resmungou palavras que, pelo que ela desconfiou, seriam xingamentos.

Ele estava tão estranho, parado ali, tão agressivo e explosivo, com uma garrafa numa mão e um tubo de ensaio na outra, que a sra. Hall ficou bastante alarmada. Mas ela era uma mulher decidida.

– Nesse caso, eu gostaria de saber, senhor, o que considera...

– Um xelim, acrescente um xelim. Certamente, um xelim é suficiente?

– Que assim seja – a sra. Hall falou, pegando a toalha de mesa e começando a desdobrá-la sobre a mesa. – Se o senhor estiver satisfeito, é claro...

Ele se virou e sentou-se, com o colarinho do casaco virado para cima.

Durante toda a tarde, ele trabalhou com a porta trancada e, como a sra. Hall comprovou, na maior parte do tempo em silêncio. Contudo, uma vez houve uma pancada, com o som de garrafas tilintando, como se a mesa tivesse sido atingida, o ruído da quebra de uma garrafa atirada violentamente para baixo, e em seguida passos rápidos pela sala. Temendo que “algo estivesse errado”, ela foi até a porta e escutou, sem se importar em bater.

– Não posso continuar – ele delirava. – Eu *não posso* continuar. Trezentos mil, quatrocentos mil! Que multidão enorme! Eu estava enganado! Isso pode demorar a minha vida inteira!... Paciência! Paciência, de fato!... Tolo! Tolo!

Houve um barulho de biqueiras de solas de botas sobre os tijolos do bar, e a sra. Hall teve muito relutantemente que deixar de ouvir o resto do solilóquio. Quando ela retornou, a sala estava novamente em silêncio, exceto pela leve crepitação da cadeira dele e pelo ocasional tinido de uma garrafa. Tudo estava terminado; o estranho tinha retomado o trabalho.

Quando levou o chá para ele, ela viu vidro quebrado no canto da sala embaixo do espelho côncavo, e uma mancha dourada que tinha sido cuidadosamente limpa. Ela reclamou disso.

– Ponha na conta – o visitante retrucou asperamente. – Pelo amor de Deus, não me perturbe. Se houver algum dano, coloque-o na conta – e ele continuou ticando uma lista no caderno de atividades diante dele.

– Eu vou lhe dizer uma coisa... – Fearenside disse, misteriosamente.

Era fim de tarde e eles tomavam cerveja no botequim de Iping Hanger.

– O quê? – Teddy Henfrey disse.

– Sabe esse sujeito de quem está falando? O que o meu cachorro mordeu? Pois bem... Ele é negro! Pelo menos, as pernas dele são. Eu vi pelo rasgão das calças e da luva. O senhor esperava alguém do tipo corado, não é? Pois bem... De modo nenhum. Apenas negrume. Eu lhe digo que ele é tão preto quanto o meu chapéu.

– Meu Deus! – Henfrey disse. – É um caso muito esquisito. Porque o nariz dele é tão rosa como se fosse maquiagem!

– Isso é verdade – disse Fearenside. – Eu sei disso, e vou lhe dizer o que estou pensando. Esse homem é malhado, Teddy. Preto aqui e branco ali, com manchas... E ele sente vergonha disso. É um tipo de mestiço, cuja cor sai manchada, em vez de misturar. Já ouvi sobre essas coisas antes. E é comum entre cavalos, como todo mundo sabe.



O SR. CUSS CONVERSA COM O ESTRANHO

Eu contei as circunstâncias da chegada do estranho a Iping com uma certa riqueza de detalhes, para que a curiosa impressão que ele criou possa ser entendida pelo leitor. Mas, com exceção de dois incidentes estranhos, as circunstâncias de sua permanência até o extraordinário dia do festival do clube podem ser mencionadas de forma bem superficial. Muitos conflitos com a sra. Hall a respeito de questões de disciplina doméstica ocorreram; mas, em todos os casos, até o final de abril, quando os primeiros sinais de penúria surgiram, ele a dobrava com o fácil recurso de um pagamento extra. Hall não gostava dele e, sempre que se atrevia, falava da conveniência de se livrarem dele; mas, demonstrava seu desagrado principalmente ignorando-o de forma ostensiva e evitando seu visitante o máximo possível.

– Espere até o verão, quando os artistas começarem a aparecer – a sra. Hall disse sabiamente. – Então, veremos. Ele pode ser um pouco arrogante, mas contas pagas pontualmente são contas pagas pontualmente, diga o senhor o que quiser.

O estranho não ia à igreja e, aliás, não fazia diferença entre o domingo e os dias não religiosos, nem mesmo nos trajés. Ele trabalhava, como a sra. Hall pensava, de forma muito intermitente. Alguns dias, descia cedo e

ficava continuamente ocupado. Em outros, ele se levantava tarde, passeava pelo quarto nitidamente atormentado durante horas, fumava e dormia na poltrona perto da lareira. Não mantinha nenhuma comunicação com o mundo além da aldeia. Seu temperamento continuou muito incerto; na maior parte do tempo, seus modos eram os de um homem que sofria sob uma provocação quase insuportável; e, uma ou duas vezes, coisas foram partidas, rasgadas, esmagadas ou quebradas em rajadas espasmódicas de violência. Ele parecia estar sob uma irritação crônica da maior intensidade. Seu hábito de falar sozinho em voz baixa crescia cada vez mais; mas, embora a sra. Hall ouvisse conscientemente, ela não fazia ideia do que escutava.

Ele raramente saía à luz do dia. Mas, no crepúsculo, saía agasalhado invisivelmente, quer fizesse frio ou não, e escolhia os caminhos mais solitários e obscurecidos entre as árvores e pelas encostas. Seus óculos de proteção e o rosto horrivelmente enfaixado sob a cobertura do chapéu surgiram em meio a uma repentina e desagradável escuridão para um ou dois trabalhadores que voltavam para casa; além disso, Teddy Henfrey, tropeçando na saída do “Scarlet Coat” uma noite, às nove e meia, assustou-se vergonhosamente com a cabeça em forma de caveira do estranho (ele caminhava com o chapéu na mão), iluminada repentinamente pela luz da porta aberta desse albergue. As crianças que o viam ao anoitecer tinham pesadelos, e havia dúvidas se ele desgostava mais dos garotos do que estes desgostavam dele, ou o contrário; mas havia, certamente, uma aversão bem nítida de ambos os lados.

Era inevitável que uma pessoa de aparência e comportamento tão singulares fosse assunto frequente em uma aldeia como Iping. A opinião sobre seu trabalho estava muito dividida. A sra. Hall era sensível sobre o assunto. Quando questionada, explicava com muito cuidado que ele era um “pesquisador experimental”, escolhendo cuidadosamente as palavras como alguém que teme armadilhas. Quando questionada sobre o que era um pesquisador experimental, ela dizia, com um toque de superioridade, que a maioria das pessoas instruídas sabia coisas desse tipo e, assim, explicava que ele “descobria coisas”. O visitante teve um acidente, pelo que

ela dizia, que descorou temporariamente seu rosto e suas mãos e, sendo essa uma condição que lhe era sensível, ele era avesso a qualquer anúncio público sobre o fato.

Longe dos ouvidos dela, havia uma opinião amplamente aceita de que ele era um criminoso que tentava escapar da Justiça, enfaixando-se de modo a se ocultar completamente dos olhos da polícia. Essa ideia surgiu do cérebro do sr. Teddy Henfrey. Não se sabia de nenhum crime de importância que tivesse ocorrido datando de meados ou do final de fevereiro. Elaborada na imaginação do sr. Gould, assistente de estágio da Escola Nacional, essa teoria tomou a forma de que o estranho era um anarquista disfarçado, que preparava explosivos; então, ele resolveu empreender operações de detetive conforme seu tempo permitisse. Estas consistiam, na maior parte do tempo, em observar muito atentamente o estranho sempre que o encontravam, ou em questionar pessoas que nunca o haviam visto, perguntando sobre ele. Mas, ele não detectou nada.

Outra linha de opinião era seguida pelo sr. Fearenside e aceitava a teoria de que ele era malhado ou alguma modificação dessa hipótese; como a de Silas Durgan, por exemplo, que foi ouvido afirmando que “se ele optasse por se mostrar em feiras, faria uma fortuna em pouco tempo”; e que, sendo um pouco teólogo, comparou o estranho a um homem de talento único. Outro ponto de vista ainda, explicava toda a questão considerando o estranho como um lunático inofensivo. Este, tinha a vantagem de explicar tudo imediatamente.

Entre esses grupos principais, havia os indecisos e os comprometidos. O povo de Sussex tem poucas superstições, e foi só depois dos eventos do início de abril que a ideia de algo sobrenatural ganhou rumores pela primeira vez na aldeia. Mesmo assim, tinha crédito apenas entre as mulheres.

Todavia, não importa o que pensassem dele, as pessoas em Iping, em geral, concordavam que não gostavam dele. Sua irritabilidade, embora pudesse parecer compreensível para um trabalhador intelectual urbano, era espantosa para aqueles moradores tranquilos de Sussex. A gesticulação frenética que eles surpreendiam de vez em quando, os passos precipitados

após o anoitecer que o afastavam deles para cantos silenciosos, a desumana impetuosidade diante de todas as tentativas de avanços de curiosidade, o gosto pelo crepúsculo que levava ao fechamento de portas, o abaixar de persianas, o apagamento de velas e lampiões, quem poderia concordar com isso? As pessoas se afastavam quando ele passava pela pequena aldeia e, depois que ele passava, jovens engraçadinhos levantavam colarinhos, abaixavam as abas dos chapéus, e andavam nervosamente como ele, imitando seu comportamento obscuro. Havia uma canção popular nessa época chamada “The Bogey Man”³. A senhorita Statchell a cantou em apresentação no auditório da escola (com a ajuda dos lampiões da igreja); e, a partir de então, sempre que um ou dois dos aldeões se reuniam e o estranho aparecia, um compasso ou mais dessa música, mais ou menos agudo ou em meio tom, era assobiado no meio deles. Além disso, as criancinhas retardatárias gritavam “Bicho-papão!” atrás dele e fugiam trêmulas de alegria.

Cuss, o médico clínico geral, andava devorado pela curiosidade. As ataduras excitavam seu interesse profissional, o relato das mil e uma garrafas despertavam seu olhar de inveja. Durante os meses de abril e maio, ele cobiçou a oportunidade de conversar com o estranho; então, por fim, no Pentecostes, quando já não aguentava mais, ele arranhou uma lista de assinaturas para uma enfermeira na aldeia como desculpa. Ele ficou surpreso ao descobrir que o sr. Hall não sabia o nome do hóspede.

– Ele deu um nome, mas eu não ouvi direito – disse a sra. Hall, numa afirmação totalmente infundada, achando que pareceria muita tolice não saber o nome do homem.

Cuss bateu na porta da sala de visitas e entrou. Houve uma blasfêmia bastante audível lá dentro.

– Perdoe a minha intromissão – disse Cuss e, então, a porta se fechou, excluindo a sra. Hall do resto da conversa.

Ela pôde ouvir o murmúrio de vozes pelos dez minutos seguintes, depois um grito de surpresa, uma agitação de pés, uma cadeira lançada para

³ Bicho-papão. (N.T.)